

OPORTUNIDADES E DESAFIOS NA ESCOLHA DE ENSINO DE HISTÓRIA CRÍTICO EM SALA DE AULA

Kaline Adriano Pereira da Silva¹
Álvaro Marinho da Silva²
Professor Ms. Fábio Alexandre Santos³

Área temática: Educação.

RESUMO

O ensino crítico de História no Brasil enfrenta desafios e oferece oportunidades em programas, como o Prevest. Embora o modelo focado em vestibulares, com carga excessiva de conteúdos, limite o espaço para discussões críticas, os professores são incentivados a relacionar o conteúdo histórico com a realidade dos alunos, tornando-o relevante e envolvente. No entanto, a falta de recursos, muitas vezes, leva os professores a usarem materiais próprios para enriquecer o aprendizado. Apesar desses desafios, o Prevest representa uma oportunidade para educadores e alunos, promovendo uma conexão crítica e atual. Propostas para tornar o ensino mais dinâmico, como visitas a centros culturais e oficinas, podem ampliar o entendimento dos estudantes. Assim, o Prevest pode se transformar em um ambiente inclusivo e formativo, superando obstáculos para aprimorar a experiência educacional e facilitar o acesso à universidade.

Palavras-chave: História Crítica; Ensino; Prevest.

OPPORTUNITIES AND CHALLENGES IN CHOOSING CRITICAL HISTORY TEACHING IN THE CLASSROOM

ABSTRACT

Critical history teaching faces challenges and offers opportunities in programs like Prevest. Although the content-heavy model, focused on entrance exams, limits space for critical discussions, teachers are encouraged to relate historical content to students' realities, making it relevant and engaging. However, resource limitations often lead teachers to use their own materials to enrich learning. Despite these challenges, Prevest is an opportunity for educators and students, fostering a critical, present-day connection. Proposals to make teaching more dynamic, such as cultural center visits and workshops, can broaden students' understanding. In this way, Prevest can become an inclusive, formative environment, overcoming obstacles to enhance the educational experience and

¹ Autora/bolsista: Kaline Adriano Pereira da Silva, graduanda em História pela Universidade Regional do Cariri- URCA, Brasil, E-mail: kalineadrianokaline@gmail.com

² Coautor/bolsista: Álvaro Marinho da Silva graduando em História pela URCA, Brasil, E-mail: alvaromarinho7@gmail.com

³ Orientador: Fábio Alexandre Santos, Coordenador do PREVEST ligado ao PROEX/URCA, Brasil, E-mail: fabioalexandrecel@gmail.com – 0000-0001-81085138



facilitate university access.

Keywords: Critical History; Teaching; Prevest.

1 INTRODUÇÃO

O ensino crítico de História, especialmente no Brasil, enfrenta desafios e oferece oportunidades em programas, como o Prevest e tem se tornado um campo de reflexão constante entre educadores e estudantes. O Prevest é um programa da Universidade Regional do Cariri (URCA), criado em 2017, ligado à Pró-Reitoria de Extensão, cujo objetivo é preparar os alunos inscritos no programa, de forma gratuita, para vestibulares e o Exame Nacional do Ensino (ENEM). Os alunos de diversos cursos de licenciatura da universidade compõem o programa como professores de forma voluntária ou com bolsa de estudos financiada pelo Fundo Estadual de Combate à Pobreza (FECOP).

A proposta de um ensino crítico, que problematize eventos históricos e relacione o passado com as realidades contemporâneas, enfrenta desafios significativos, principalmente quando o foco se volta para conteúdos objetivos voltados para exames de admissão. No entanto, essa realidade também abre oportunidades para professores em formação e alunos que buscam oportunidades de ingressar no ensino superior. O Prevest oferece aos seus candidatos um espaço único para a introdução de práticas pedagógicas que integrem o conhecimento histórico de forma reflexiva, dinâmica e contextualizada.

Neste artigo, buscamos analisar os desafios e as oportunidades que surgem ao tentar inserir um ensino crítico de História no contexto das aulas preparatórias para o ENEM e vestibulares. Este trabalho se propõe, portanto, a investigar como as práticas pedagógicas no Prevest podem contribuir para a formação de um pensamento histórico mais reflexivo, capaz de integrar aspectos subjetivos e objetivos da História, tornando-a um meio de questionamento e análise crítica da realidade social.

2 REFERÊNCIAL TEÓRICO

Para dar suporte teórico aos resultados apresentados, esta seção aborda os principais conceitos que fundamentam o ensino crítico de História, explorando tanto os



desafios quanto as oportunidades dessa abordagem no contexto de cursos preparatórios, como o Prevest. O ensino crítico de História baseia-se na problematização e na reflexão sobre os eventos históricos, relacionando-os com as realidades contemporâneas dos estudantes. Esse enfoque não apenas apresenta o passado, mas instiga os alunos a analisar, criticamente, as escolhas e as narrativas históricas. Em conformidade com Febvre (1977, p. 43), a História só existe quando surgem questionamentos, pois “[...] sem problema não há história”. Assim, o ensino de História assume um papel formativo, promovendo o pensamento crítico ao conectar o conteúdo acadêmico à vida dos alunos.

Embora o formato tradicional de cursinho exija uma abordagem conteudista focada nos exames, o ambiente permite momentos de reflexão crítica, principalmente quando os professores relacionam os temas com a realidade dos alunos. Karnal (2007, p. 7) admite que “[...] quem recorta, escolhe, dimensiona e narra este passado é um homem do presente”, enfatizando a relevância das escolhas pedagógicas no ensino de História e no papel formativo dos educadores em salas preparatórias. Além disso, a importância da pesquisa e da análise crítica das fontes é fundamental para a construção do conhecimento histórico.

Ainda do ponto de vista teórico, as práticas desenvolvidas estiveram alinhadas com os princípios de uma educação emancipadora, que valoriza a escuta, o diálogo e a formação integral do sujeito (Freire, 1996). As adaptações feitas ao longo do estágio mostraram a importância da flexibilidade do planejamento docente diante das necessidades reais da turma. Para além disso, pensar em como é ensinar história (Caimi, 2015), é preciso saber que não basta saber conteúdos e curiosidades, mas lidar com o enfrentamento de demandas múltiplas em que devemos levar em consideração o saber ensinar-aprender e a quem isso está contemplando.

3 METODOLOGIA

Os alunos que participam do Prevest são alunos do Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, mas que, por meio de meios digitais, pessoas de outros locais podem ter acesso a algumas aulas disponíveis, como as aulas ao vivo feitas para o *Youtube*. O presente artigo foi resultado de meses de experiências em sala de aula do programa Pré-vestibular. Após mais de cinco meses observando, analisando e tentando compreender as questões que serão



levantadas ao longo desta investigação, tanto quanto voluntária como bolsista, resolvi fazer pesquisas mais a fundo de artigos e livros que conversavam com minhas ideias.

As ideias centrais deste artigo foram resultado de inquietações que durante esse tempo de experiência vêm sendo analisadas e transcrita à mão em um diário de campo tanto para registrar como para servir de fonte para pesquisas futuras, como o caso desta que está sendo apresentada, também de muitas leituras dentro e fora da sala de aula da universidade. Depois de juntas as minhas fontes, a minha experiência em sala de aula e de entender o que eu queria falar, começamos a amadurecer a ideia para dialogar sobre esses aspectos.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A história é constantemente desafiada seja no campo da pesquisa ou no campo de ensino, pois é uma área que demanda muita discussão e debates em relação aos eventos e aos seus pontos de vista. Para se estudar história, é indispensável entendê-la como uma ciência, e como uma ciência, é preciso, primeiramente, se ter um resultado; é necessário observar, questionar, levantar uma hipótese, qual método será utilizado, coletar e analisar os dados, chegar a um resultado e entender se a teoria se sustenta entre os pares quando posto em debate.

No entanto, apesar de não conseguirmos prever e ou dizer o que aconteceu (ou o que pode acontecer no futuro) em algum evento de forma exata, ainda assim, buscamos ter o mais próximo de uma concretude que tem como norte uma análise historiográfica. Desse modo, temos lugar para hoje afirmarmos que algum evento é um fato na história. Por exemplo: a escravidão aconteceu e é um fato. O ato de ir contra essas relações é uma forma de negacionismo histórico e científico. Algo que a história repudia em sua estrutura.

A história descrita anteriormente tem como base estrutural científica a problematização. E esse é o ponto aqui, vamos problematizar. Quando Febvre (1977, p. 43) diz: “Sem problema não há história”, nos remete justamente ao caráter crítico da história, onde só podemos ter um lugar para as verdades (discurso) dentro desse campo após passar por esse processo de método científico, onde o historiador precisa levantar questões e fazer recortes em torno de suas fontes de trabalho, que é um momento e lugar para muita criticidade, pois será onde o historiador irá fazer escolhas a partir de sua



experiências e pontos de vista, onde tudo que entrar para o trabalho como fonte dirá tanto quanto as suas próprias palavras. E, então, boas questões levantadas levarão a bons recortes e bons recortes levam a bons resultados. Karnal (2007, p. 7), em seu livro *História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas*, admite que:

Existe o passado. Porém, quem recorta, escolhe, dimensiona e narra este passado é um homem do presente. Assim, uma vez produzido, todo texto histórico torna-se ele mesmo objeto de História, pois passa a representar a visão de um indivíduo sobre o passado (Karnal, 2007, p. 7).

Esse trecho expressa bem a ideia de como há um passado, esse passado nos deixa vestígios e a partir desses vestígios, o historiador recorta o seu ponto de vista, tornando, assim, um objeto de estudo histórico pronto para ser debatido, analisado, renovado.

Continuando nessa linha de Karnal (2007), podemos e devemos trazer essas ideias para sala de aula para observar, problematizar e recortar, pois, para dar aula de um modo geral, é necessário ser pesquisador; nenhum professor dispensa a pesquisa para dar uma boa aula. Isso de fato é algo que boa parte de nós concorda com Paulo Freire, pois o professor é também um pesquisador. Quando fazemos escolha para sala de aula, estamos mostrando um posicionamento implícito sobre nossas ideologias políticas e culturais.

Não tem como fazer essa separação desses aspectos da pessoa fora da sala de aula e o professor dentro da sala de aula, pois tudo tem um posicionamento, mesmo um posicionamento sem posicionamento é um posicionamento. E isso pode ser ruim se não for bem aproveitado para ajudar a moldar a forma dos alunos verem o mundo e tratar apenas como passar um conhecimento adiante onde, na história especificamente, se torna apenas passar características sobre um período. A história tem o poder de ajudar a formar um pensamento crítico sobre as sociedades e as relações ao redor delas, pois é visitando o passado que entendemos que a história não acontece meramente de forma natural, e sim a partir de escolhas feitas por alguém em algum lugar, para alguém em alguma época.

Se levar a história de forma natural, como um mero “tinha que acontecer assim”, não precisaria de tantas reflexões complexas sem respostas para se chegar a diversas conclusões; poderia apenas fazer o que as ciências exatas fazem. Mas a história tem de refletir sobre a complexidades dos seres humanos nas sociedades, pois só assim conseguimos, minimamente, entender o nosso lugar no mundo. E levar essas reflexões



para sala de aula de forma crítica instigando os alunos a pensar não só com a ajuda de um professor, mas também sozinhos é o dever dos professores, sobretudo professores da história.

Entretanto, seria possível exercer escolhas críticas dentro da sala de aula do programa Prevest? O público desse programa entende isso como um benefício? É possível ajudar a pensar além do conteúdo proposto? Fugiria da proposta do programa? Talvez todas essas perguntas não sejam levantadas num primeiro momento, pois quando se trata de cursinhos para estudar para o ENEM e vestibulares, imaginamos logo um modelo mais conteudista e massivo, sem tempo para ir além nas discussões críticas, entretanto não é isso que é exigido na realidade.

Pode ser justo pensar que não há espaço para isso quando o importante para cursinhos preparatórios é se preparar para aquilo que o ENEM e os vestibulares propõem algo mais objetivo e interpretativo, usando mais o raciocínio lógico até mesmo nas áreas de humanas. Mas não quer dizer que não haja espaço para momentos críticos nesses ambientes, em sala de aula de cursos preparatórios, muito pelo contrário, quando há abertura para que haja esses momentos de ir além dos conteúdos propostos, tudo depende do recorte escolhido pelo(a) professor(a) e de como o (a) mesmo(a) vai ministrar a aula, e, claro, do público que deseja atingir.

Nas salas de aula do programa Prevest, onde os discentes que estão cursando alguma licenciatura têm a oportunidade de obter mais experiência com a docência, nos é proposto uma certa autonomia, quando, por exemplo, escolhemos os conteúdos que queremos passar, preparamos uma aula e apresentamos essa aula para os alunos, o que demanda muitas pesquisas e limites feitos por nós mesmos. Claro que, indubitavelmente, fazemos isso dentro da proposta do programa Prevest e do que é solicitado nos vestibulares e ENEM, mas que ainda assim escolhemos e, dentro dessas escolhas, podemos propor nossos pontos de vista, especialmente os historiadores, um conteúdo histórico mais crítico que leva o aluno a refletir as relações sociais que os envolvem, e que a história não está desconectada da realidade deles por abordarmos, muitas vezes, coisas que aconteceram no passado. É entender que o que falamos os afeta diretamente de alguma forma e que a história vai muito além do que está caindo em provas de forma geral os alunos beneficiados com o programa Prevest, geralmente, são adolescentes que estão no ensino médio, ou que acabaram de sair do ensino médio e isso, muitas vezes traz um certo



desafio, pois lidar com adolescentes que acham ‘chato’ estudar, que não entendem isso como algo que vai ajudá-los além de fazer provas, que simplesmente ignoram o(a) professor(a) que está ministrando a aula caso gostem da cara dele(a), caso não se identifiquem com alguma disciplina. Muitas vezes, por causa desses desafios de lidar com adolescentes, o(a) professor(a) acaba caindo na ideia de fazer dinâmicas, “aula divertida”, aulas com muitas piadas e referências da internet, com violão e danças. O que não é algo ruim e errado, se bem moderado e que de fato seja algo produtivo e isso vai de cada profissional. Daria sim para fazer uma aula que prenda a atenção dos alunos sem precisar o docente ser um palhaço e a sala de aula ser um espetáculo.

Para ensinar, tem de se levar em consideração não apenas os alunos gostarem ou não de história, mas também do porquê estou ensinando história. Para isso, é de suma importância entender o meu aluno como um todo, entender o meio em que ele está inserido. entender como lidar com ele no sentido psicológico e compreender como o que ensino é importante para esse aluno dentro do contexto. *Para ensinar história a João é preciso entender de história, de ensinar e de João.* Essa frase muito emblemática e conhecida, foi título de um dos tópicos da autora Caimi, onde ela destaca a complexidade de se ensinar História:

Para ensinar História não basta, por suposto, possuir conhecimentos históricos, ter alguma formação pedagógica ou conhecer algo de psicologia da aprendizagem. Tenho utilizado essa frase de efeito para chamar a atenção de meus interlocutores da necessidade de superar visões reducionistas que defendem a supremacia do domínio do conhecimento histórico na tarefa docente ou que indicam a suficiência dos saberes pedagógicos em detrimento do saber disciplinar, ou ainda que valorizam prioritariamente o polo discente, posição traduzida na retórica de que é preciso “conhecer a (e partir da) realidade do aluno” (Caimi, 2015, p. 112, grifos do autor).

O que ela diz é relevante para os professores historiadores: que não há como focar em apenas um polo e fixar nisso; não dá para saber muito de história e automaticamente ser um bom docente, ignorando as práticas pedagógicas, mas também não é suficiente ser um bom docente e não dominar o conteúdo e por fim ela também ressalta que, apesar de importante, partir da realidade do aluno, não deve focar em apenas nesse polo docente; isso pode levar à desvalorização do conteúdo histórico e da didática disciplinar.

Então, indiscutivelmente, esse ambiente do programa Prevest é um lugar para os estudantes de graduação aprenderem a dosar as suas práticas docentes e os alunos do



programa a ter criticidade em relação aos contextos sociais que eles vivem, e não apenas dar uma aula de respostas sem que eles tenham questionado nada, sem deixar os alunos pensarem sozinhos, sem questionar sozinhos.

Todavia, como fazer isso em 50 minutos de aula? É um desafio que constantemente tentamos vencê-lo. O que não é nada fácil, pois precisamos passar um conteúdo com características que são cobradas em vestibulares e no ENEM e como um posicionamento político, queremos participações dos alunos, criticidade, questionamentos, ir além dos conteúdos propostos e escrever no quadro branco de uma forma que dê para se compreender o conteúdo e nem os alunos e nem o(a) professor(a) se percam ou se estendam além do que foi pensado para aquela aula. Temos de correr constantemente contra o tempo para fazer dar certo um conteúdo em 50 minutos com todas as discussões ao redor dele, mesmo que esse mesmo conteúdo na sala de aula da faculdade passe 4 horas vendo e mesmo assim não deu para esgotar o assunto de nenhuma forma. E ainda assim, a partir do que foi preparado para a aula, seguir os pontos “principais”, levantar discussões, usar de fontes e prender a atenção dos alunos.

De nenhuma forma, estamos afirmando que o Prevest não é recompensador, muito pelo contrário, o que estou denunciando como desafios é algo que podemos lutar para melhorar e tornar algo muito mais acolhedor tanto para os bolsistas, quanto para os públicos de comunidades que são beneficiadas pelo programa. Se estamos falando de escravidão no Ceará, por que não levar os alunos para conhecer o CEDOCC⁴ e ter esse contato com os bolsistas de lá e ver como eles trabalham com a pesquisa? Se estamos falando de ditadura, por que não propor uma oficina junto aos bolsistas da LAPEHC⁵? Se estamos falando de revolução industrial, por que não fazermos uma visita à Lira nordestina⁶? Esses são exemplos de coisas que podemos tornar dinâmico e rico em aprendizagem, que nem precisamos muitas vezes sair da URCA.

Quando incentivados a participar e a pensar, os alunos percebiam a importância de um bom aprendizado, pois por mais que as provas que esperavam os assustavam, eles sabiam que tinham estudado e pelo menos visto tal conteúdo e que conseguiam resolver questões apenas pelo contexto em que eram colocadas e desenvolviam estratégias para ter

⁴ Centro de Documentação do Cariri (CEDOCC). Está vinculado ao departamento de História da URCA.

⁵ Laboratório de pesquisa em História cultural (LAPEHC). Está vinculado ao departamento de História da URCA.

⁶ Lira Nordestina - é um equipamento cultural vinculado a PROEX.



bons resultados, como eles mesmos comentaram. Para ajudá-los nos seus desenvolvimentos durante a temporada no cursinho preparatório, preparamos (os professores) simulados relacionados aos conteúdos que tinham sido trabalhado ao longo do mês, e então eles conseguiam elaborar estratégias durante a prova e na hora da correção que fazíamos juntos, em que todos falavam como resolveram os seus simulados e ajudavam os colegas a ter novas concepções.

Além disso, usar outros artifícios, como a música, para complementar os temas propostos, ajudava a aprimorar o senso crítico deles e a dinamizar as aulas, tornando algo mais leve quando associado à temática. As imagens também ajudavam tanto a ilustrar e a tornar o assunto mais real, além de tornar tudo mais visual. Usar jogos, como *quiz*, também ajuda a fixar os temas; era perceptível que os alunos sabiam o contexto das perguntas relacionadas aos conteúdos mesmo que não soubessem ao certo a resposta exata.

Essas perspectivas nos convidam a rever as ferramentas que utilizamos no ensino, entendendo que os instrumentos de ensino, como as práticas pedagógicas, devem ser compreendidos como parte de um processo de transformação contínuo. Não se trata apenas de aplicar os mesmos métodos de sempre, mas também de criar condições para o desenvolvimento intelectual dos alunos, que envolvem um contato mais intenso e prático com os temas estudados.

O Prevest, sem sombra de dúvidas, é desafiador, principalmente por quase não dispor de recursos tecnológicos ou de amiores apoios da própria Urca para validar a sua existência. Percebemos isso quando não há salas suficientes em todos os turnos em que o programa precisa funcionar; não há investimento em aprimoramentos, expansão do mesmo, e isso causa afastamento da própria comunidade, a qual é o público-alvo dos programas e dos projetos de extensão. Ainda mais atualmente, onde programas como esses sofreram muitas consequências pós-pandemia, como a defasagem educacional, sendo que os alunos voltaram com muitas dificuldades em todas as disciplinas, incluindo história, onde tivemos que adaptar os conteúdos e as metodologias para reforçar o básico e preparar para os vestibulares e ENEM. Isso sem contar com a desmotivação para continuar a estudar por parte dos adolescentes e jovens adultos desde a pandemia, a qual motivou a desistência dos alunos em relação aos cursinhos e até mesmo com a escola, por falta de recurso tecnológico e até mesmo para trabalhar e ajudar em casa. Essa evasão persistiu no pós-pandemia e os cursinhos enfrentam dificuldade para a volta dos alunos, como é o caso



do Prevest, mesmo anos depois.

Entretanto, não há dúvidas também dos benefícios que o Prevest traz, pois, além de ser gratuito, há uma preocupação por parte dos componentes da equipe em trazer um ensino de qualidade aos segmentos sociais, que faça os estudantes entrarem no ensino superior, ajudando a diminuir a desigualdade educacional que ficou de herança da pandemia. Trata-se, portanto, de uma ação de extensão inclusiva.

Figura 1 – Alunos no simulado, na turma da noite, JN-CE



Fonte: arquivo pessoal, 2024.

Figura 2 – Alunos na resolução de simulado, na turma da tarde, Crato-CE:



Fonte: arquivo pessoal, 2024.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por isso, propomos levar essa reflexão para dentro do Prevest, reconhecendo que, assim como as estruturas mentais, as abordagens de ensino também devem evoluir. A construção de novos "instrumentos de pensamento", seja por meio de visitas, de oficinas ou de interação mais direta com os bolsistas, é uma forma de transformar o ambiente educacional, criando oportunidades de aprendizado que vão além da sala de aula. Podemos usar essas ferramentas para transformar o Prevest em um ambiente mais inclusivo e participativo, onde todos, desde os docentes até os alunos, possam desenvolver-se e aprender de forma mais relevante.

E reconhecer que o público que atingimos com esse programa é um público que enxerga o Prevest como uma oportunidade para a universidade. Então, é reconhecer a sua enorme importância para todos e entender que todo mundo que é beneficiado com o programa pode lutar para melhorar, pois os obstáculos devem ser superados e as soluções devem ser encontradas.

6 AGRADECIMENTOS

Agradecemos à URCA o apoio logístico e à PROEX a oportunidade, a compreensão e o apoio. Agradecemos também ao Professor Ms. Fábio a confiança e a orientação do desenvolvimento do trabalho. Por fim, agradecemos aos nossos familiares e amigos o suporte e a compreensão durante todo o processo.

REFERÊNCIAS

BITENCOURT, Circe. **Ensino de História: fundamentos e métodos**. 2. Ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CAIMI, Flávia Eloisa. **O que precisa saber um professor de história?** História&ensino: londrina, 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 41. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FEBVRE, Lucien. Profissões de fé à partida. In: _____. **Combates pela história**. Lisboa: Editorial Presença, Lda. 1977.



KARNAL, Leandro (org.). História na sala de aula: conceitos, práticas e propostas. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2007.

Revisão gramatical realizada por: Sabrina de Souza Bezerra Furtado¹

Maria Clara Silva Gomes²

E-mail: sabrinafurtado624@gmail.com

mariaclarasilvagomes777@gmail.com

Contato: (88) 9-81648430

(88) 9-9296-5653

COMO CITAR

SILVA, Kaline Adriano Pereira da; SILVA, Álvaro Marinho; SANTOS, Fábio Alexandre. Oportunidades e desafios na escolha de ensino de história crítico em sala de aula. **Revista de Extensão - REVEXT**, v.4 |n. 1|p. 39-51| jan. - jun. |2025.

Recebido em 06 de novembro de 2024

Aceito em 17 de agosto de 2025

